

Eu nunca mais vou roubar wifi do vizinho

Batuta Ribeiro

© Todos os direitos reservados.

Sumário

[Prólogo](#)

[Parte 1](#)

[Parte 2](#)

[Parte 3](#)

[Parte 4](#)

[Epílogo](#)

Prólogo

Não consigo dormir.

São duas horas da manhã.

Arrependimento – é esse o sentimento que está me corroendo por dentro.

Remorso.

Você por acaso já matou alguém?

Já foi responsável pela morte de outra pessoa?

Estou preocupado e arrependido.

Pego o celular e ligo para a minha namorada.

O celular toca várias vezes.

Sinto um frio na espinha.

Será que já aconteceu?

Que alívio ouvir a voz dela.

— O que foi, amor? – atende Júlia, com uma voz sonolenta.

— Oi, amor, como você está? – eu pergunto.

— Sei lá, eu estava dormindo, e você?

— Estou sem sono e pensei em ouvir a sua voz.

— Ah, que lindo!

Eu fico em silêncio.

Pra dizer a verdade, não sei o que dizer.

Júlia me diz:

— Olhe, amor, eu adoraria conversar com você, mas tenho de levantar amanhã cedo.

— Onde você está?

— Na minha casa, ora! Onde mais eu estaria? Achou que eu estava na balada?

— Você está sozinha?

— Claro, né!? Você está desconfiado de mim?

Respiro fundo e digo rápido:

— Amor, preste atenção, eu sei que vai parecer loucura o que eu vou dizer; mas, eu quero que você ligue para a polícia e peça para irem a sua casa.

Júlia dá risadas.

— Ficou louco, Paulo?

— É sério, amor!

— Me dê um motivo para fazer isso.

— Você está correndo risco de vida.

— Paulo, pare de brincadeiras!

— Não estou brincando. Alguém vai te matar.

Percebendo a minha seriedade, Júlia para de rir e pergunta:

— Que história é essa?

— Depois eu te conto, mas você precisa ligar para a polícia. Não sei você tem muito tempo.

— Você está me assustando, Paulo. Desculpe, eu vou desligar e amanhã a gente conversa direito, certo?

— Júlia, confie em mim e...

— Meu Deus! – diz Júlia, assustada.

— O que foi?

— Escutei um barulho. Um barulho de algo se quebrando. Acho que tem alguém dentro da minha casa.

— Júlia, tranque a porta de seu quarto e fuja pela janela.

— Me diz o que está acontecendo, Paulo?

— Não há tempo, Júlia, faça o que eu disse!

Parte 1

Tudo começou na última segunda-feira, dia 5.

Por motivos financeiros, fiquei sem dinheiro para pagar a mensalidade da internet.

E a internet é uma coisa importantíssima para mim. Não, eu não sou nenhum viciado em facebook, twitter ou qualquer uma dessas porra.

A internet é importante para mim por causa do trabalho.

Eu trabalho em casa.

Eu sou o chamado “freelancer”.

Faço trabalhos de designers e multimídia através do site Workana.

Moro sozinho em uma casa de fundos.

Na casa da frente mora a Dona Vera. Ela é uma viúva de setenta anos que vive com seus quatro gatos.

Não posso reclamar da Dona Vera, ela é uma senhoria que qualquer inquilino gostaria de ter. Só tenho de pagar trinta reais de energia e dez reais de água. Sem falar que o aluguel é uma pechincha.

Todos os sábados eu ganho cinquenta reais da velha só para levá-la ao supermercado.

E se não bastasse tudo isso, todos os dias eu vou na casa dela para filar uma bóia.

Voltando ao assunto, por ser um profissional freelancer, eu dependo de uma internet boa.

E uma internet boa custa caro.

A minha mensalidade da internet é de 120 reais.

Se atrasar cinco dias depois do vencimento é corte na certa.

Foi isso o que aconteceu na última segunda-feira.

Cortaram a minha internet.

Você pode pensar: “O cara quer trabalhar de freelancer, mas não ganha dinheiro nem para pagar a internet???”

Eu ganho bem como freelancer.

Tem mês que eu consigo tirar 4 mil reais.

Então por que raios eu não teria 120 reais para pagar a mensalidade da internet? – você me pergunta.

Por que eu arrumei uma namorada pela internet que morava a 10 quilômetros da minha casa.

Como sou um cara obeso e sedentário, daqueles que odeiam andar mais do que um quarteirão a pé, tive que comprar um carro.

Paguei à vista para fugir dos juros e fiquei sem um puto no bolso.

Usei todas as minhas reservas.

Bom, está explicado porque eu não paguei a maldita mensalidade da internet dentro do prazo.

Então, na segunda-feira eu acordei cedo para trabalhar.

Liguei o meu PC e tentei conectar a internet.

Apareceu o aviso de corte.

— Merda! – exclamei.

O duro é que eu só iria receber na sexta-feira. Até lá, eu teria que ficar sem internet.

E ficar uma semana sem internet era o mesmo que ficar uma semana sem trabalhar.

Uma semana sem trabalhar pode até ser legal para funcionários públicos e privados.

Só que para mim, uma semana sem trabalhar era uma semana de prejuízo.

E eu não podia me dar ao luxo de ficar uma semana jogando vídeo-game ou assistindo TV.

Fiquei sentado em frente ao meu PC pensando em alguma forma de acessar a internet.

Cliquei sobre o ícone da internet que fica no canto inferior da tela.

Abriu aquela janelinha que mostra as redes wifi disponíveis.

Fui clicando uma por uma.

Todas pediam senha.

Estava quase desistindo quando achei uma rede que se chamava “WiFi do Vizinho”.

Achei o nome engraçado.

Com certeza era de alguém que estava só querendo zoar.

Mesmo sem esperança, cliquei em cima.

Para minha surpresa, conectou na hora sem pedir senha.

Digitei qualquer site no browser e a internet pegou que foi uma beleza.

Cinco minutos depois que eu comecei a usar o WiFi do Vizinho, apareceu a seguinte mensagem na tela:

Você está roubando wifi do vizinho, não está?

Que coisa feia!

Sabe que é errado e mesmo assim faz a coisa errada.

Ahahahaha, é brincadeira! Pode usar a internet à vontade.

Somos um provedor que deseja levar internet gratuita para todos.

Tudo o que pedimos é que você faça um simples cadastro conosco.

Por favor, preencha os campos a seguir.

O formulário de cadastro era idêntico a qualquer outro site.

Pedia o nome completo, o endereço de e-mail, um username e senha.

Também havia uma mensagem, que dizia:

“Ao clicar em Abrir uma conta, você concorda com nossos Termos e que leu nossa Política de Dados, incluindo nosso Uso de Cookies”

Como qualquer internauta ansioso e com preguiça de ler, eu não perdi um minuto da minha vida para checar os tais “termos” e “política de dados”.

Cliquei em “abrir uma conta” e mandei bala.

Após isso, apareceu na tela a seguinte mensagem:

Queremos a sua ajuda para aumentar a nossa cobertura.

Por favor, nos diga em qual desses lugares você gostaria que houvesse internet de graça?

Apareceu a foto de três estabelecimentos comerciais de minha cidade – uma lanchonete, uma pizzaria e uma cafeteria.

Cliquei sobre a foto da cafeteria, pois ali era o meu lugar preferido, era o meu point para encontrar os amigos e ficar de papo furado.

Depois disso, usei a internet o dia inteiro.

Era veloz e não caía.

Decidi aproveitar da boa vontade do WiFi do Vizinho e baixei um monte de filmes (alguns de gente grande, inclusive).

Parte 2

Acordei cedo na terça-feira.

Era por volta das sete horas da manhã.

Fui até a cafeteria para tomar um café e papear com o Jaime, proprietário do estabelecimento e um velho conhecido meu.

Qual não foi minha surpresa ao chegar ao local e perceber que a cafeteria tinha sido incendiada.

O lugar mais legal que eu gostava na cidade era agora um monte de escombros.

Aproximei-me de Jaime. O rapaz estava inconsolável. Perguntei o que tinha acontecido.

— Por volta das duas horas da manhã, me chamaram para avisar que a cafeteria estava pegando fogo. Não sei como isso pode ter acontecido.

Que tristeza ver Jaime daquele jeito.

E que tristeza ver aquele lugar tão legal destruído pelo fogo.

Voltei para a casa preocupado.

Lembrei-me do que aconteceu no dia anterior, de quando eu cliquei sobre a foto da cafeteria.

Seria uma coincidência?

Será que o incêndio tinha relação com o fato de eu ter clicado na foto da cafeteria no dia anterior?

Não, claro que não! – eu pensei.

Qual seria o interesse de uma empresa de internet em incendiar uma cafeteria?

Só um idiota pessimista para pensar nessa hipótese.

Os caras só queriam saber que lugar eu gostaria que tivesse wifi de graça.

Qual o problema disso?

Eles não me perguntaram que lugar que eu gostaria que fosse incendiado.

Foi só uma coincidência. Nada mais.

Em casa, eu tinha muito trabalho a ser feito e muito trabalho a ser entregue.

Liguei o PC e conectei no WiFi do Vizinho.

Passado cinco minutos, a tela ficou negra e apareceu a mensagem:

Ficamos felizes de que esteja usufruindo de nosso wifi.

Não se preocupe, o WiFi do Vizinho é totalmente gratuito.

O dinheiro para nós não tem nenhum valor.

Mas, em busca de melhorar os nossos serviços, pedimos que nos informe o seu endereço para que possamos lhe enviar um assistente do suporte técnico para fazer uma manutenção.

Escrevi o meu endereço, mas quando apertei enviar, percebi que eu tinha me esquecido de colocar a palavra “Fundos” depois do número da casa.

Isso não era um grande problema, pois Dona Vera iria indicar a casa dos fundos assim que o assistente técnico do suporte viesse.

Continuei usando a internet gratuita do WiFi do Vizinho até anoitecer.

Não sei porque eles queriam mandar um assistente técnico, a internet estava muito rápida.

Era a internet mais rápida que eu já tinha usado.

Assistia filmes em alta qualidade sem esperar para carregar. Parecia até que o PC estava rodando um DVD original.

Quando anoiteceu, fui para a casa da minha namorada.

Era noite de assistir o seriado do Dr. House.

Comprei uma pizza e levei até a casa de Júlia.

Em dado momento, comentei com ela que minha internet havia sido cortada e que eu estava usando o WiFi do Vizinho.

— Nossa, Paulo, que coisa feia! Roubar wifi do vizinho é o mesmo que ficar com o troco errado, pode não ser crime, mas é desonesto.

Dei risadas e respondi:

— Calma, amor! WiFi do Vizinho é o nome do provedor. Ele fornece sinal de wifi gratuitamente. Se você for ver bem, é um nome bem sugestivo e criativo, pois se alguém lhe perguntar “que internet você usa?” daí você pode responder “o wifi do vizinho”. Achei o nome bem bolado.

— Por que um provedor iria dar wifi de graça? – perguntou Júlia.

— Vou saber?! Talvez para fazer propaganda. É como fazem as revistas, elas te mandam alguns exemplares de graça e depois lhe encham o saco para fazer uma assinatura. Para usar o WiFi do Vizinho eu tive que me cadastrar, passar meu e-mail e meu endereço. Só isso!

— Ai, amor, como você vai passando seus dados para uma empresa que você não sabe nada a respeito?

— Como você é cheia de idéias, Júlia! Eu não passei o número da minha conta bancária e nem a minha senha. Fique tranqüila, é só um provedor de internet que está entrando no mercado.

— E você por acaso sabe onde fica essa tal empresa?

— Não sei e nem quero saber, só me interessa é que eles estão me dando wifi de graça.

— Cuidado, Paulo, quando a esmola é demais, o santo desconfia – sentenciou Júlia.

Não respondi. Afinal, pelos poucos meses em que estava junto com Júlia, já tinha percebido que ela era cheia de preocupações.

Pra dizer a verdade, em muitas ocasiões ela era um pé no saco.

Sempre dizendo “não pode isso”, “não pode aquilo”, “sexo só com camisinha”, “não vou colocar minha boca nisso”, “vai doer”.

Sim, isso mesmo, Júlia era chata e nojenta.

Mas, era uma mulher bonita e eu me sentia um cara de muita sorte por estar ao lado dela.

Difícilmente uma mulher tão bonita igual a ela iria dar match comigo outra vez no Badoo.

Por isso eu fazia o possível para ser compreensivo, paciente e um namorado amoroso.

Eu nem gostava de assistir o Dr. House.

Por mim, eu assistiria GoT, mas Júlia odiava qualquer coisa que tivesse dragões, cavaleiros, elfos, bruxos e hobbits.

Parte 3

Do jeito que as coisas estavam indo, eu iria pedir para cancelar a minha internet da Oi.

Por que pagar cento e vinte reais por mês quando você pode ter WIFI grátis do vizinho?

Na quarta-feira, acordei por volta das nove e meia.

Levantei, fui ao banheiro, escovei os dentes, saí e fui preparar o café.

Antes de começar o dia, pensei em lavar um pouco de roupa.

Estava um sol quente.

Saí de casa e percebi algo fora do comum – a porta da cozinha de Dona Vera estava fechada.

A velhinha tinha o hábito de acordar cedo e abrir todas as portas e janelas da casa.

Seus gatos já deveriam estar passeando por ali ou por aqui.

Mas a casa de Dona Vera estava fechada.

Talvez ela tivesse ido ao posto de saúde ou quem sabe resolveu fazer caminhadas matinais.

Lavei minha roupa e estendi no varal.

O relógio batia dez e meia.

Liguei o PC para trabalhar.

Dali a pouco seria meio dia e Dona Vera gritaria o meu nome para ir almoçar.

Conectei no WiFi do Vizinho e meti o pau no trabalho.

Pensei que iria ver mais uma mensagem do provedor me pedindo alguma coisa, mas naquela quarta-feira não apareceu nada.

Melhor ainda, pois aquelas mensagens me chateavam.

Fiquei tão absorto no trabalho que nem me dei conta da hora, quando olhei para o relógio foi que percebi que já passava de meio dia e meia.

— Será que a Dona Vera se esqueceu de mim? — perguntei-me.

Já era para ela ter me chamado para almoçar.

Olhei pela janela do meu quarto e vi que a casa da velha continuava fechada.

Achei engraçado, pois em quase três anos em que eu morava ali, Dona Vera nunca havia falhado um almoço. E sempre quando saía e iria demorar, ela fazia questão de me avisar.

De qualquer forma, antes de me preocupar com o sumiço da velha, eu tinha que me preocupar com a minha fome.

Fui até a cozinha e preparei aquele miojinho de preguiçoso.

Não foi uma refeição de rei, mas deu para matar a bendita fome.

A parte da tarde daquela quarta-feira foi meio estranha para mim.

Pela primeira vez, passei um dia sem escutar aqueles miadinhos doces dos gatos de Dona Vera, sem ouvi-la chamar seus bichanos, sem vê-la varrer o quintal ou mesmo se achegar na janela do meu quarto para comentar alguma trivialidade do dia.

Veza ou outra, eu ia até o portão da frente e olhava para a rua na esperança de ver Dona Vera chegando.

Por fim, a noite chegou.

A preocupação me fez pensar coisas absurdas...

Será que Dona Vera morreu enquanto dormia?

Será que ela caiu no banheiro enquanto tomava banho?

Será que lhe deu um ataque cardíaco?

A velha poderia estar estrebuchada no corredor.

O pior é que eu não tinha nenhum contato familiar de Dona Vera e eu também não tinha nenhuma chave para entrar na casa.

Às sete horas da noite eu achei por bem ligar para a polícia.

Dois policiais vieram.

Eles arrombaram a porta da frente e entraram. Eu os segui e, ao passar pela porta, notei um pequeno cartão de visita

jogado no chão.

Agachei e recolhi o cartão – na frente estava escrito:

WiFi do Vizinho.

E logo abaixo, em letras menores:

Assistente técnico do suporte.

Neste instante, escutei um dos policiais exclamar:

— Minha Nossa Senhora, o que é isso?

Guardei o cartão no bolso e fui lá ver o que era.

Os dois policiais já estavam dentro do quarto de Dona Vera e pela exclamação que eu escutei do policial já imaginei o pior: a velha tinha batido com as dez.

Entrei no quarto e me arrepiei ao ver o que estava em cima da cama.

Um corpo carbonizado!

Eu sabia que era Dona Vera por causa do colar de pérolas que ela nunca tirava do pescoço.

Perto da cama havia quatro tocos de carvão, que eu logo imaginei serem os pobres gatinhos de minha senhoria.

— Tem idéia de quem possa ter feito isso? – perguntou-me um dos policiais.

— Não, senhor. Não faço a mínima idéia.

— Não ouviu nada durante a noite? Nenhum grito?

— Nada.

— Nem mesmo sentiu cheiro de fumaça.

— Não, senhor.

Então o outro policial começou a divagar:

— O que me intriga é que a cama não está queimada. Olhe! Os lençóis estão brancos.

O outro policial concordou:

— Tem razão. Parece que o corpo já queimado foi colocado em cima da cama.

— Mas não há sinal de que o corpo tenha sido arrastado até aqui, veja o carpete, não há nenhum vestígio de cinzas ou pedaços de ossos queimados.

Um dos policiais colocou a mão no queixo e disse:

— Isso aqui está muito estranho. Não há marcas de fogo no teto e nem nas paredes. Seria impossível alguém atear fogo na mulher e não haver indícios de fogo pelo menos na cama.

— É muito estranho mesmo! – concordou o segundo policial.

Houve silêncio e eu senti que os policiais tinham aquela típica suspeita em cima de quem chamou a polícia.

Mas minha consciência estava tranqüila, eu não tinha nada com aquilo.

Os policiais chamaram os peritos.

Foi aquela maior bagunça na casa.

Foi aquele entre e sai de policiais e de peritos.

Todos que moravam na rua ficaram sabendo e vieram ver o que tinha acontecido.

O sossego só voltou depois que eles levaram o corpo para o IML.

Tive de ir à delegacia prestar depoimento.

Depois de liberado, voltei para a casa e me bateu uma depressão medonha.

Já eram onze horas da noite.

Os policiais lacraram a casa de Dona Vera.

Fiquei por um bom tempo olhando para aquela casa apagada e agora sem vida.

Como aquilo pode ter acontecido?

Quem fez aquela maldade com Dona Vera?

Tudo estava muito estranho.

Tive aquela sensação de que algo muito ruim vai acontecer e você não tem a mínima idéia do que seja.

Confesso que eu estava com medo de passar a noite na casa dos fundos.

Pensei em ir até a casa de Júlia, mas fiquei com medo de parecer um garotinho mijão que vai dormir na cama dos pais porque teve um pesadelo.

Abri o portãozinho que dava para os fundos da casa e me arrependi de nunca ter comprado um cadeado.

Até aquele dia, eu imaginava que morava em um bairro

seguro e tranqüilo.

Entrei em casa e tomei um banho.

A imagem do corpo carbonizado de Dona Vera não saía da minha mente.

Uma doce e gentil velhinha que só ajudava os outros. Por que foram fazer aquilo com ela?

Demorei para dormir.

Qualquer barulho lá fora me sobressaltava.

Teve uma hora na noite em que pensei em ter ouvido miados.

Os miados dos gatinhos de Dona Vera.

E aqueles miadinhos me fizeram gelar a alma.

Parte 4

Acordei mais cansado de quando fui dormir.

Olhei-me no espelho do banheiro – eu estava péssimo.

Seria uma quinta-feira brava, pensei comigo.

Aquela morte trágica de Dona Vera e de seus gatinhos me acabou com qualquer ânimo de trabalhar.

Sentei-me no sofá da sala e fiquei olhando para a TV desligada como se fosse um zumbi.

Tentei achar um bom motivo para a morte de Dona Vera, mas não encontrei.

Ela não tinha filhos e o marido já havia falecido.

Era raro algum parente vir visitá-la.

Pelo o que eu sabia, ela só vivia da magra pensão que o marido havia lhe deixado e do aluguelzinho que eu pagava.

Uma mulher humilde e sem riquezas.

Era apenas uma senhora sozinha e carente de atenção – uma gentil senhora incapaz de fazer mal para qualquer pessoa.

Nada foi roubado de dentro da casa.

Não havia explicação para aquele assassinato.

Neste instante, lembrei-me de um detalhe.

Fui até o quarto e peguei a calça jeans que usei na quarta-feira.

Meti a mão no bolso e catei o cartão de visita.

Na frente, estava escrito em letras vermelhas:

WiFi do Vizinho

Embaixo:

Assistente técnico do suporte.

O que aquele cartão estava fazendo na casa de Dona Vera?

Imaginei uma resposta:

O assistente deve ter vindo, e como não sabia que eu morava nos fundos, bateu palmas para a casa de Dona Vera, tocou a campainha e, como ninguém atendeu, deixou o cartão embaixo da porta como sinal de que havia passado por ali.

Será que foi isso mesmo?

Curioso com aquele singelo cartão de visita, eu o virei para ver o que tinha no verso.

Ali, no verso do cartão, havia uma mensagem, que dizia:

“Manutenção realizada com sucesso às 02h15”.

Li e reli essa mensagem.

Que manutenção foi aquela?

Dona Vera nem sabia o que era internet.

Lembrei-me do incêndio na cafeteria.

Disseram que o incêndio começou duas horas da manhã.

Seria tudo aquilo mera coincidência?

WiFi do Vizinho?

Que empresa seria essa?

Só havia uma maneira de descobrir e para isso eu precisaria usar a internet.

Liguei o PC e conectei na internet através do WiFi do Vizinho.

Abri o site do Google e coloquei ali:

Provedor wifi do vizinho em Jacutinga-MG.

Por incrível que pareça, o site informou:

Sua pesquisa “Provedor wifi do vizinho em Jacutinga-MG” não encontrou nenhum documento correspondente.

Tentei usar outras variações, mas nem a simples pesquisa “wifi do vizinho” obteve qualquer resultado.

Parecia que o Google não sabia nada sobre este wifi do vizinho.

A tela do monitor apagou-se.

Uma mensagem apareceu:

Você ainda continua usando o WiFi do Vizinho? Isso é muito bom! Fazemos o possível para lhe oferecer uma internet veloz e sem limites por nenhum centavo em troca. Para nós, o dinheiro não tem nenhum valor. Só nos diga quem é a pessoa mais importante de sua vida...

Apareceu a foto de meu irmão mais velho, de meu melhor amigo e de Júlia.

Um frio percorreu toda a minha pele quando vi as fotos daquelas pessoas na tela do meu computador.

Tentei fechar a janela da mensagem.

Cliquei várias vezes em cima do “x”, mas a janela não fechava.

Sem receio, apertei o botão “reset” da CPU.

O PC não reiniciou.

Tirei o plugue da tomada e mesmo assim o maldito computador não desligou.

Abriu outra janelinha sobre a tela em que estavam as fotos.

Nesta janelinha estava escrito:

Você tem 60 segundos para decidir. Se não decidir, nós decidiremos por você.

A contagem regressiva começou:

60

59

58

Eu não sabia o que fazer...

Veio-me na mente a imagem da cafeteria incendiada.

Depois, aquela terrível imagem do esqueleto carbonizado de Dona Vera. Os ossos tostados, a carne transformada em carvão, o sorriso deformado do crânio, os cabelos queimados...

Tudo aquilo só por que eu estava usando o wifi do vizinho?

“Para nós, o dinheiro não tem nenhum valor”

No mesmo instante, lembrei-me dos termos de uso do WiFi do Vizinho.

Eu devia ter lido aquela merda.

Perguntei-me arrepiado quais seriam as condições para usar a internet do WiFi do vizinho?

E o tempo não parava.

38

37

36

Quem era a pessoa mais importante na minha vida?

Por que eles queriam saber disso?

Eu só sabia de uma coisa: a cada dia que eu usava o wifi do vizinho, algo de valor em minha vida era destruído.

Eu gostava de ir à cafeteria do Jaime.

Eu gostava da Dona Vera.

Eu até gostava dos pobres gatinhos...

E tudo foi destruído pelo fogo.

24

22

21

Era esse o preço que eu tinha que pagar.

O WiFi do Vizinho nunca foi de graça, pelo contrário, era o wifi mais caro de minha vida.

Pensei em não escolher ninguém.

Mas...

10

Meu irmão era meu irmão. Tinha o meu sangue. Depois que meus pais morreram, ele era a minha única família.

7

Raimundo, o meu melhor amigo, não era meu melhor amigo só porque me emprestou dinheiro no momento em que eu estava mais fudido na vida. Ele era o meu melhor amigo desde que me defendeu de valentões na segunda série.

6

5

4

Júlia, a minha namorada que conheci há quatro meses pelo Badoo...

3

2

Com dor no coração, mas decidido como nunca, cliquei na foto de Júlia.

Epílogo

— Já tranquei a porta – diz Júlia.

Segundos depois, escuto um forte barulho da porta sendo estourada.

— Júlia! Júlia! O que houve? – pergunto.

Ela grita e depois eu escuto um baque, como se o celular tivesse caído no chão.

Júlia continua gritando.

Entre os gritos, escuto pedidos de socorro e de piedade.

Fecho os olhos e fico ouvindo a minha namorada morrer.

Ela grita alto.

Grita como se estivesse sendo queimada viva.

Eu choro.

Choro de arrependimento.

Choro porque sou o culpado.

Os gritos cessam.

Silêncio.

Escuto uma respiração.

— Júlia, você está aí?

— Está – responde a voz de um homem –, quer falar com ela? Espere um minutinho que eu vou chamá-la... Ah, que pena, ela agora não pode falar, é difícil falar depois que você vira carvão.

Ouvi uma risadinha.

— Desgraçado, quem é você?

— Eu sou o assistente de suporte técnico do WiFi do vizinho.

— Por que matou Júlia?

— Você sabe muito bem porque eu matei ela.

Taco o celular na parede.

Em minha fúria, pego o monitor do PC e quebro no chão.

Quebro o meu PC inteiro.

Se eu fosse uma pessoa honesta, nada disso teria acontecido.

Eu sou um cretino.

Por minha culpa, Júlia está morta.

Por minha culpa, a Dona Vera está morta.

Os pobres gatinhos... A cafeteria do Jaime...

Todo esse inferno só porque eu usei wifi sem pagar nada.

Daqui pra frente, eu juro por minha alma que nunca mais vou roubar wifi do vizinho.

EU NUNCA MAIS VOU ROUBAR WIFI DO VIZINHO

BATUTA RIBEIRO

© TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.